NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 158 JANEIRO 1959

A AMIZADE COMO VALOR — Fernando Bello 3
REFLEXÕES SOBRE ADAPTAÇÃO PASTORAL — Albino Cleto 17
PANORAMA: A Criança e a Televisão 26
BIBLIOGRAFIA: 28
OUTROS MUNDOS, OUTRAS HUMANIDADES 28
L'AMOUR MULTIPLIÉ 29

Cem anos!

Velas de Cardigos

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 - B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo Clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas. Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Premiada em 7 exposições: 4 estrangeiras e 3 nacionais



Palácio das Necessidades pintado com silexore

Pedidos a:

V. T. MARTINS

RUA DA PRATA, 59 - 3.º - ESQ.
TELEFONE 23690 - LISBOA

SILEXORE

É um cartaz centenário e nenhuma tinta se lhe iguala em resistência. O tratamento da «Notre Dame» de Paris é a nossa mais distinta referência.

Uma aplicação de

SILEXORE

é a certeza de que, o vosso templo ficará a perpetuar uma longa vida sem menores encargos.

NOVELLAE OLIVARUM

Director — FERNANDO MICAEL
Redactores — AVELINO PINTO — ANTÓNIO SERRÃO
Administradores — ANTÓNIO DOS REIS — JOÃO DO NASCIMENTO
Proprietário e Editor — ADALBERTO R. FONTES
REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

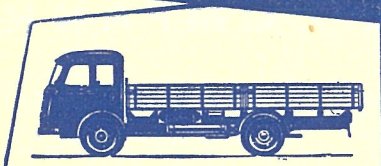
Tipografia - Escolas Profissionais Salesianas - Oficinas de S. José - Lisboa

MERCEDES-BENZ

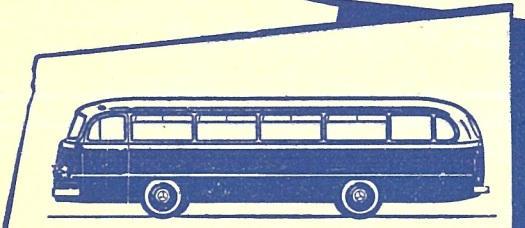
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



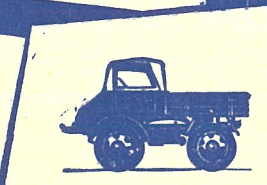
CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



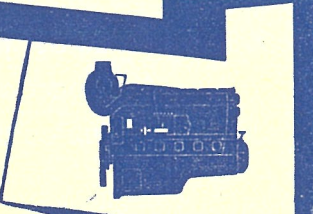
AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS
para todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Exa. Revma. o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

Ourivesaria ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 119-121 - PORTO — Rua Garrett (Chiado), 50 - LISBOA

NOVELLÆ OLIVARUM

1959

ANO XVI

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

A AMIZADE COMO VALOR

I — PESSOA HUMANA E AMOR

Uma primeira classificação dos seres criados divide-os em dois grupos de características bem definidas: os seres espirituais e os materiais. Mas a categoria de criaturas que mais nos importa não é comportada por nenhuma daquelas classes: o homem é esse ser misterioso que é unidade de dois princípios naturais a um tempo inconciliáveis mas de certa maneira mùtuamente imprescindíveis(1).

Virá a interessar mais adiante ver de perto o papel do amor na amizade, mas por ora, e para que a perspectiva que vou traçar não se deforme por demasiado espiritualista, saliento apenas que o homem é um espírito encarnado num corpo, através do qual, pelo domínio da matéria, se realiza.

* * *

A existência dum espírito é radicalmente diferente da dum corpo, porque justificada em si mesma. Pessoal, consciente de si, existente em si, por si e para si, é um ser completo na sua linha, sem necessidade de se ligar a outros seres: é o que os escolásticos traduzem ao dizer que o espírito é subsistente.

É, e ser implica nele uma posse exclusiva e incompartilhável de si mesmo: nesta ordem de ideias, a pessoa é essencialmente incomunicável, fechada sobre ela própria, definitivamente única. E aqui o fundamento ontológico da sua liberdade que lhe é algo de tão essencial que o próprio Criador não a poderia violar sem se contradizer.

Esta subsistência, que fundamenta eternamente a sua originalidade, é participada de Deus, que lha comunica em cada instante, e por isso mesmo é relativa. Desta participação diz lindamente Jean Mouroux que é dom da Causa Primeira e simultâneamente inscreve no ser espiritual um apelo do Fim Último.

O homem aparece-nos como um dinamismo orientado para Deus, dinamismo apetitivo — o apetite natural dos escolásticos — que está na base de toda a sua actividade. Radicado directamente na alma, este apetite porque dirigido directamente para o Fim Último é amor natural de Deus, e no homem, porque espírito, tendência à comunhão com Ele.

---

(1) Inconciliáveis porque espírito se define como simples e independente da matéria, e esta como composto e desagregável; imprescindíveis enquanto na «encarnação» são matéria e forma dum mesmo corpo.

Este amor natural, que não é senão a própria essência do homem enquanto finalidade, é necessário, constitutivo do ser; é portanto anterior à liberdade e justifica-a como possibilidade de escolha, funcionando como travão de caprichos.

E porque todo o ser é bom — apetecível — enquanto, e só enquanto, semelhança da Causa Exemplar, todo o amor humano é, em última análise, amor de Deus, quer conscientemente, quer não. Todo o drama do amor pessoal está em se tornar consciente e livremente amor de Deus ou em se desviar d'Ele. Mas de qualquer forma — e isto é para nós motivo de esperança «metafísica» — o amor natural continua orientado necessàriamente para Deus, e todas as nossas escolhas podem ser rectificadas.

Vimos que a natureza humana é participada e que isso limita a sua subsistência. Reparemos que ela é, além disso, co-participada e vejamos quais as implicações que daí resultam.

Indivíduo duma espécie, o homem não pode ser encarado isolado dela, porque toda a espécie tem, enquanto espécie, um fim que é, diz S. Tomás, assemelhar-se cada vez mais a Deus (Pot. 2, 1, ad 14 m), fim esse que é atingido através dos seus indivíduos na colaboração mútua deles, colaboração ao nível da actividade específica(2).

Esta colaboração está històricamente bem patente nos fenómenos Técnica e Cultura, fenómenos essencialmente sociais, aliás intimamente relacionados entre si, que são reflexo do progresso espiritual da Humanidade e pontos de passagem obrigatória da sua caminhada para Deus.

Ora Deus é Unidade e é essa Unidade que a natureza humana tende a reflectir numa união ao nível espiritual, de inteligência e vontade, isto é, numa comunhão de amor(3). E nesta tendência à comunhão está a noção mais profunda de instinto social.

Claro que essa comunhão só é possível através de comunicação — isso levanta um problema a que depois me referirei — mas por se tratar duma tendência natural, pode concluir-se que o homem é comunicável por natureza.

O psicólogo Joseph Nuttin, professor de Louvaina, confirma esta asserção ao dizer:

«É evidente que o homem experimenta e manifesta uma necessidade de outro. Abstraindo da dependência exterior do seu semelhante, a pessoa manifesta uma necessidade interior de contacto, de troca, de comunicação, de apoio, de simpa-

---

(2) Citando de S. Tomás: «...cada criatura é para o seu acto e para a sua perfeição própria. Em seguida as criaturas menos nobres são para as mais nobres: assim as que são inferiores ao homem são para o homem. Depois cada criatura é para a perfeição do Todo do Universo. Mas em última análise, o Todo Universal com cada uma das suas partes está ordenado para Deus como para o seu fim (...) *No entanto as criaturas racionais têm uma maneira transcendente de ter Deus por fim, pois elas são capazes de atingir Deus por uma operação que lhes é própria, a do conhecimento e do amor*» (S. Th. I, q. 65, a. 2).

(3) O Deus-Trindade mostra-nos isto muito claramente e dá-nos o fundamento último desta realidade, se tivermos em conta que em Deus a Trindade é tão primitiva como a Unidade, apesar de só conhecida por Revelação. E assim, comenta o P.e Danielou, o amor é tão primitivo como a existência.

tia, de dom de si mesmo. Sob formas mais ou menos passivas ou activas, esta necessidade de contacto e de troca psíquica é a base da nossa vida psico-social»(4).

É necessário agora conciliar as duas dimensões da natureza humana analisadas, a específica e a individual. E isso só se pode fazer na consideração de que só tem sentido falar de desenvolvimento da espécie, enquanto houver simultâneamente desenvolvimento de cada indivíduo, enquanto houver respeito pela autonomia de que atrás se falou(5).

Quer dizer que a comunhão não pode ser atingida na aniquilação das personalidades, antes pelo contrário — e isto é lei em qualquer comunidade — ela só será realidade na medida em que for comunhão de originalidades bem vincadas e harmoniosamente desenvolvidas; por outro lado, o facto sociedade imporá sacrifícios individuais, mas que serão aceites livremente por cada qual, nunca impostos autoritativamente: individualismo liberal e totalitarismo, desvios em sentidos opostos duma lei de equilíbrio social, que é fundamentalmente uma lei de amor(6).

Há aliás uma interdependência mútua entre cada pessoa e a comunidade a que pertence. Como diz Gerda Walther, citada por Häring: «Não só uma comunidade não pode desenvolver plenamente a sua natureza se não contar entre os seus membros algumas personalidades fortes de acordo com ela, como também é verdadeira a relação inversa: uma personalidade só poderá desenvolver-se se encontrar ou constituir uma comunidade cujo espírito dê resposta às exigências fundamentais da sua natureza»(7).

Quantos génios não se perderão por falta dum ambiente propício ao seu desenvolvimento.

O psicólogo de Lovaina, Nuttin, citado há pouco, cuja autoridade é mundialmente reconhecida, compara o desenvolvimento duma personalidade normal com o desenvolvimento biológico de qualquer organismo, notando que aquele como este só se faz harmoniosamente na medida das trocas havidas com o meio ambiente.

Diz ele: «... a *orientação psíquica* para o objecto é o substrato «normal» para o *dom moral* de si mesmo. O homem que com as intenções mais altruistas não consegue libertar-se *psìquicamente* de si próprio, não possui na sua personalidade psíquica a base sã e natural necessária para que o «sentido moral» do altruismo ou da caridade atinja um desenvolvimento equilibrado. E de novo é por este dom «moral» a *outro* que a *pessoa total* mantém e desenvolve melhor e da forma mais rica a sua própria personalidade. Aquilo a que aqui chamamos um «dom» consiste

---

(4) Joseph Nuttin, *Psychanalyse et conception spiritualiste de l'homme — Une théorie dynamique de la personnalité normale,* Lovaina-Paris, 1950, p. 303.

(5) O Deus-Trindade, de quem somos à imagem e semelhança, continua a ser-nos ilustração preciosa: cada uma das Pessoas só se distingue das outras duas na relação que para com elas tem, isto é, elas subsistem no seu «esse ad». Cfr. o sublinhado na citação de S. Tomás feita na nota 2.

(6) Para maior desenvolvimento, ver Jean Mouroux, *Sens chrétien de l'homme,* ed. Aubier, 1943, caps. VI e IX.

(7) B. Häring, *La Loi du Christ,* vol. I, ed. Desclée, 1956, pág. 118.

antes de mais em *ser activamente aberto* para outro e em *ser-lhe largamente «acolhedor»*. Esta *abertura* e este *acolhimento* não consistem senão em ser e tornar-se ele próprio, não segundo os limites estreitos dum eu individual isolado, mas segundo a medida das potencialidades expansivas dum Eu integrado no Mundo dos homens e do Absoluto. Só este é o Eu completo, o outro é um Eu acanhado.

Considerar o *outro* como uma limitação do Eu é uma concepção fundamentalmente falsa. O contacto com o *outro* é um enriquecimento do Eu, sempre que o contacto não se faz numa atitude de defesa».

E pouco depois: «A tendência a manter-se e a desenvolver-se não é portanto uma tendência concentrada sobre o *pequeno eu* individual; é a necessidade essencial da personalidade total que tende a realizar a sua integração activa no mundo. Esta tendência pode manifestar-se de duas formas. Primeiro a forma *asténica* e *tímida;* é a forma que toma essa necssidade no homem que não tem a força da sua própria realização total, que não *ousa* ou não *pode* abrir-se a outro e sair do seu isolamento. Neste caso, o ser vivo não realiza senão muito imperfeitamente a sua manutenção e o seu próprio desenvolvimento, e isto tanto nos planos social e moral como no biológico. Há depois a forma *rica* da manutenção e do desenvolvimento de si próprio. Consiste em *estar aberto* a outro, como a uma riqueza, no sentido biológico como no sentido social e moral. Esta abertura é o canal pelo qual o homem *se dá* e *recebe,* quer dizer, *se realiza. Esta abertura é a vida*». E logo a seguir: «a perfeição do homem reside no desenvolvimento de si próprio enquanto inserido activamente no Mundo e no Absoluto»([8]).

Em resumo do que foi dito até agora, pode-se concluir que uma personalidade verdadeiramente evoluída implica o desenvolvimento harmonioso das duas dimensões do homem, naturalmente silencioso e naturalmente comunicável. E é nesta tensão silêncio-comunicação que se situa o mistério do amor.

Repare-se, porém, que o ser silencioso está fundamentado na unidade constitutiva do próprio ser, enquanto que o ser aberto quer para Deus quer para os outros está fundamentado numa tendência a uma união e dependentemente da liberdade.

Isto justifica a tentação fortíssima do orgulho e do egoísmo que só uma humildade profunda, humildade reconhecedora dos valores existentes fora de si, pode vencer. Por isso, o amor está vinculado essencialmente à humildade e não pode existir sem ela e numa medida diferente da dela([9]).

([8]) Joseph Nuttin, ob. cit., p. 308 ss.

([9]) Em vez desta análise, um pouco abstrata para o gosto actual, poderia talvez ter-se partido duma constatação do facto comunicação como facto primitivo (no sentido que Biran dá ao termo) — é o que fazem os personalistas de hoje — ou então, para se manter uma perspectiva tomista, da verificação da pobreza do homem como tal, pobreza resultante da sua perfeição limitada que conhece outras perfeições fora de si, para as quais tende na linha da sua realização para Deus. É assim que ele quer as coisas e é assim que começa a querer as pessoas; mas ao verificar que estas são valores transcendentes como ele, com significado em si mesmas, impõe-se-lhe uma atitude de respeito (a que chamei humildade) que é fundamental em qualquer amor: parafraseando a Escritura, mas num jogo de conceitos analógicos, eu diria que o «início do amor é a humildade». E reconhecer-se-ia o papel funda-

II — UNIVERSALIDADE E AMIZADE

As considerações feitas até agora não fazem senão ilustrar o facto de que à lei natural, inscrita no homem, se pode resumir em dois preceitos: «Amar a Deus sobre todas as coisas e amar os outros homens como a si mesmo»([10]).

Este amor não pode fazer excepções: dirige-se a todos e a cada um dos nossos companheiros de aventura, desta aventura formidável e cheia de risco que é a nossa existência, dirige-se a todo o que tem um problema de salvação, quer consciente disso, quer não; este amor é consciência de que a minha salvação é um problema social, que interessa também aos outros, como as deles a mim([11]).

Mas devendo estender-se a todos os homens tem, por outro lado, que ser profundo, sob pena de deixar de ser amor para se transformar num sentimentalismo vago e inoperante; tem que atingir cada um na sua originalidade própria, tem que ser encarnado, na linguagem de Gabriel Marcel.

Universalidade e encarnação são as duas características a desenvolver mas de certa maneira elas são incompatíveis para as nossas limitações humanas. Só um Homem que fosse Deus as poderia conciliar([12]). E para que ao tentar ser universal não caia no tal sentimentalismo — ou não fique apenas na palmada nas costas do camarada — é preciso, entende Marcel, que esse amor comece por ser profundo, encarnado, exercendo-se num quadro restrito de intimidade, em experiência de amor familiar — nomeadamente conjugal — ou de amizade. Estender-se-á depois aos «próximos» — e note-se o perigo daquela experiência íntima degenerar em complacência mútua ou em círculo egoísta e fechado, — estender-se-á

---

mental deste amor entre as pessoas duma mesma natureza: só amando-as, eu as conheço como pessoas e poderei, usando de analogia, conhecer e amar o Deus-Pessoal. É, me parece, este o sentido profundo da advertência de S. João: «aquele que não ama o seu irmão que vê não poderá amar Deus que não vê» (1 Jo. 4-20).

No entanto, a análise feita tem a vantagem de se prestar para substrato filosófico duma Teologia do Corpo Místico.

([10]) E porque não pode haver sobrenatural sem natural «sobre que» se insira, a caridade não poderá existir eficazmente sem este amor natural.

([11]) Repare-se como este amor e este interesse em escala mundial pelos que têm os mesmos problemas a resolver são valores autênticos do nosso tempo (o número infindável de congressos e reuniões internacionais nos mais variados campos disso é testemunha) — que bem poderão ser aproveitados por nós se a nossa pastoral souber ser testemunha de que a Igreja é a única «solução» para as suas angústias. Cfr., por exemplo, E. Mersch, *Morale et Corps Mystique,* ed. Desclée de Brouwer, cap. «Le Corps Mystique et l'Humanité contemporaine». Ver também nesta linha o capítulo «L'Église» de Charles Moeller, *Mentalité moderne et Évangélisation — Dieu, Jésus-Christ, Marie, l'Église,* Cahiers Lumen Vitae, 1955, em que o autor analisa a «necessidade de solidariedade» que marca a época de hoje e as várias posições de católicos e não católicos face à Igreja e dá orientações pastorais e catequéticas.

([12]) E note-se que foi o seu exemplo que Cristo nos deu: «amai-vos como Eu vos amei» (Jo. 15-12). Cfr. *Mystici Corporis,* A. A. S. 1943, p. 229-230. E de Jo. 15-15 poder-se-á concluir que a caridade cristã é essencialmente amor de amizade, de comunhão mútua ou pelo menos de esperança de comunhão.

aos «próximos» em abertura de espírito que tenderá à universalidade[13], a qual só será plenamente atingida na Comunhão dos Santos, bem patente que só a Revelação Cristã permite compreender o alcance total deste mistério que é o amor humano.

É nesta perspectiva fundamental que este trabalho se orientará.

III — UMA FENOMENOLOGIA DA AMIZADE

Terminologia de Marcel

Antes de entrar na fenomenologia marceliana da amizade, convém esclarecer qual o sentido da sua filosofia e o significado da sua terminologia. Procurarei fazê-lo em duas palavras.

O homem toma consciência, a certa altura da sua vida, de que existe; mas que existe possuindo coisas e de tal forma que é dominado por elas e verdadeiramente possuído e tendendo a anular-se face a elas. Esta situação constatada, de que se é «devorado» pelo *ter,* pode-se tornar angustiosa e levar ao desespero; «ora, diz Marcel, um espírito é metafísico na medida em que a sua posição lhe aparece como inaceitável», e metafísica autêntica é aquela que livrar o homem dessa tentação de desespero e da concupiscência da posse, do *ter.*

O pensamento metafísico será um recolhimento interior no «concreto inesgotável» da pessoa, do ser. Esse recolhimento — que necessita de ser apoiado numa humildade ontológica e implica um esforço de ascese purificador do espírito de posse — esse recolhimento é um silenciar ao *ter* que me dominava para chegar a uma simplificação interior que me unifique. E todo este esforço de passagem da mera *existência* ao *ser* será um esforço de abertura em amor ao Absoluto, invocado em oração, e aos outros.

E repare-se na noção de *ser,* fundamental em Marcel: corresponde a esta plenitude da existência em que, conseguida a vitória sobre o egoísmo, a personalidade se desenvolveu plenamente no dom de si mesma aos outros e na invocação do Absoluto. Em última análise, «esse est co-esse», *ser é amar:* em linguagem de Bergson, é esta a intuição fundamental de Marcel.

Encontro

A primeira condição para a existência duma amizade é que tenha havido um encontro. Nada de semelhante ao encontro com um que acotovelo no eléctrico ou no comboio, com quem troco impressões sobre o tempo ou coisa parecida, mas um encontro entre duas interioridades, uma vez que só pode haver uma comunhão entre personalidades definidas; é preciso que eu reconheça no outro a sua originalidade

---

(13) Isto é muito importante em espiritualidade conjugal — uma das «descobertas» mais felizes da nossa época — pois todo o amor autêntico deve ensinar a amar os outros que estão para além dele.

irredutível, o trate como *tu,* e haja da sua parte uma resposta que permita a comunhão intersubjectiva.

Se, quando eu tento cordialmente o diálogo, perguntando «quem és tu?», há apenas informações objectivas, como que um fornecer de dados para o preenchimento duma ficha, fico desiludido, a conversa não passará da banalidade. Mas se ele se põe na minha posição mental e responde à minha pergunta, mostrando que é alguém que é *comigo,* que é alguém que é *digno do meu amor,* poderemos entrar em comunhão, porque há uma *presença ontológica de ti a mim.*

Em linguagem marceliana eu só *sou,* na medida em que *sou com outro;* cada um faz com que o outro seja, ambos se encontram presentes mùtuamente: há uma *co-presença* e é isso que é o encontro.

E é evidente que este encontro implica em ti como em mim uma sinceridade profunda, identidade de *parecer* e *ser,* um esforço de testemunho do próprio eu invisível e que é, no dizer de Guitton, o testemunho no estado puro.

Comunicação

A passagem do *ele* ao *tu* faz-se na medida em que a transmissão se torna comunicação.

Um exemplo: alguém escreve-me pelo correio: o António está doente. A carta elucida-me, fico informado. António está muito longe de mim, eu próprio não me sinto existir, mas ser uma espécie de funcionário que toma uma pequena nota à margem num livro de registos.

Outra carta: Francisco que me escreve com letra de aflito: «meu velho, estou perdido». Automàticamente, o Chico está a meu lado, eu sinto com ele, sofro com ele, «doi-me o peito dele»; apesar da distância, *sou com ele.* E se pensasse em mim, dava por mim existindo pela emoção.

A emoção pode estabelecer um *nós* como que instantâneamente. Mas, por vezes, o conhecimento progride gradualmente e com ele a intimidade.

Um companheiro no comboio: conversa-se do tempo, das notícias, etc. O outro é-me exterior, e eu próprio me sou exterior. Descobre-se um ponto comum: gostámos de tal livro ou obra de arte, amámos tal pessoa: ele começa a entrar no meu círculo. Encontram-se experiências comuns, abro-me cada vez mais, começo a tratá-lo como *tu* e chega-se ao *nós,* pura e simplesmente (não quer dizer que tenhamos que ser iguais nos gostos ou nos tiques, mas há necessidade de algo que faça a ligação: a arte, a religião, reacções humanas profundas semelhantes, etc.). Há uma participação intersubjectiva: já se não trata de F., empregado em tal sítio, com esta ou aquela qualidade; é um *tu,* presente a mim, que eu amo: é o amor que estabelece o *nós.*

Um passado comum, alegre ou de dura provação, pode contribuir para criar entre dois um laço que permita que se encontrem, excluindo irremediàvelmente os que não pertencem a esse passado.

Em todo o *nós* há como que um segredo que corresponde a uma experiência comum intransmissível a terceiros, e em que se enraíza a comunhão. Ali *eu* ou o que é *meu* deixa de ter sentido: há *nós,* o *nosso.* A intimidade real cria um autêntico *co-esse.*

Invocação

Para chegar aqui é necessário que haja uma invocação, *vocare in,* um lançar um apelo que penetra o teu íntimo, apelo a uma participação: *sê comigo.*

Não é um simples pensar em ti — isso é tornar-te abstrato, dividir-te em qualidades — mas muito mais do que isso: é dirigido ao *tu,* um apelo de presença do meu *eu* ao teu *eu;* uma espécie de vazio em mim que te chama e que te permite responder, dando-te. Invoco-te para que *sejamos* juntos, um com o outro, mùtuamente presentes no amor.

Vê-se claramente que toda a forma de orgulho impede radicalmente o amor. O orgulho é o domínio do *ter,* é o estar voltado para mim, é o não reconhecer os outros como valores existentes fora de mim, independentes de mim: o que se julga suficiente é incapaz de apelo ontológico.

Disponibilidade

Assim como se requer no que invoca humildade, requer-se disponibilidade no que é invocado (aliás, como a resposta à invocação não é senão outra invocação, isto é, um tornar a primeira mútua, claro que humildade e disponibilidade são exigidas em ambos).

A disponibilidade é corolário da humildade: mas não é um puro estar vazio, nem uma abertura abstracta para os outros. É o ser capaz de responder àquela invocação, é o ser capaz de me consagrar, de me dar, a qualquer valor que me transcende, mas que faço meu; é portanto uma abertura realizada em concreto para este, quando ele me invoca e se me oferece como *tu,* e um saber tornar-me-lhe *presente.*

O indisponível revela-se-me imediatamente na forma como me escuta: é alguém para quem eu não *sou,* preso a uma qualquer alienação. Quantas vezes nos acontece, perante algum sofrimento ou problema humano, não sermos capazes de o encarar senão como «caso»? A nossa atenção foi solicitada, compreendemos e quereríamos comover-nos. Mas não conseguimos mais que dizer uma ou outra «fórmula» que nos parece indicada ao «caso». Irritamo-nos connosco, quereríamos dispor de nós e não conseguimos. É terrìvelmente frequente porque resulta de preocupação excessiva do *eu;* só dois géneros de pessoas não a têm: as crianças — que ainda não a têm —, e os santos — que já não a têm(14).

Vê-se, portanto, que o contrário do ser indisponível, fechado sobre si, é o ser *que se dá.* Há uma maneira de escutar que é uma maneira de se dar, que é testemunha duma presença. Sinto que *és* comigo: um olhar, um sorriso, uma entonação de voz, um aperto de mão revelam irrecusàvelmente que és capaz de ser inteiramente comigo se eu precisar de ti.

---

(14) São os dois extremos, que, como todos os extremos, se tocam: a diferença é que a criança logo que puder deixa de ser criança, enquanto que todo o esforço do Santo tende a torná-lo mais criança.

Engagement

Mas para lá das circunstâncias que facilitaram esta *co-presença,* e revelada uma certa comunidade de perspectivas, de sentimentos, de desejos, de centros de interesse, o *nós* tende a querer perpetuar-se. E isto implica um *engagement,* implícito ou explícito, por vezes sagrado([15]) que é um juramento de fidelidade, tanto mais forte para mim quanto mais sinto que sou plenamente livre ao fazê-lo e que depende só de mim o mantê-lo.

* * *

Até aqui vimos os condicionamentos e o como que estabelecer-se da amizade. Analisemo-la agora a ela em si mesma e vejamos que, apoiando-se numa humildade e numa disponibilidade ontológicas — em linguagem de Marcel —, ela consiste fundamentalmente numa atitude recíproca de fidelidade, esperança e amor.

Fidelidade

Vimos que a invocação mútua estabelece o *nós.* Este *nós* é, porém, muito frágil e precisa de ser fundado num renovar constante daquela invocação do meu *eu* ao teu e vice-versa: a fidelidade é a resposta a esse apelo renovado a um valor que me transcende e que eu testemunho.

Pois que o testemunho é precisamente a afirmação da verdade dum facto presenciado ou dum valor encarnado (nunca duma ideia abstracta ou impessoal)([16]), afirmação essa cuja força reside totalmente no testemunhante: por isso ele não pode testemunhar senão uma experiência pessoal.

Ora a fidelidade dum testemunho implica o empenhar-se total do testemunhante na afirmação da valor, empenhar-se total que para os valores mais elevados pode levar ao martírio que é a afirmação màximamente completa de adesão ao valor: a amizade pode também chegar a isto, por isso que a maior prova de amizade é dar a vida pelo amigo.

Mas repare-se que fidelidade não é nada de semelhante a uma atitude passiva, a uma conformidade de deixar correr que se contente em não sair da direcção fixada; não é nada de semelhante a uma constância no agir que possa levar a dizer: «já fiz tudo o que devia», como que comparando com um padrão de obrigações do amigo fiel. Este agir não espontâneo e forçado cria uma tensão intolerável que levará o outro a insistir: «não te julgues obrigado a...».

Antes pelo contrário, a fidelidade é algo de criador, resposta renovada constantemente à invocação do outro. Luta activa e contínua, livre, inventiva, que está *presente* sempre que o amigo precise dessa presença — aquela presença de que falei atrás que implica disponibilidade duma interioridade.

([15]) Cfr. 1 Sam. 20-17, 23.

([16]) O testemunho do Evangelho não é testemunho da sua lei de amor ou de qualquer das suas profundas máximas morais, mas sim de Cristo, encarnação da Verdade. Sobre esta noção de testemunho e sua importância na Apologética de hoje, ver Jean Guitton, *Jésus,* Ed. Grasset, Paris, 1956, principalmente pgs. 192-217.

A fidelidade — e é uma intuição de Marcel tornada clássica — é eminentemente criadora, de toda uma conduta conforme ao *engagement* tomado livremente. É um agir constantemente em comunhão, em *nós,* que recusa todas as tentações de deixar o outro entregue a si mesmo ou de habituar-se e objectivá-lo, voltar a tratá-lo como *ele*. Só na medida em que cria é que a fidelidade se mantém e só nas provações a sinceridade do *engagement* e a têmpera da fidelidade serão verdadeiramente postas à prova. O sofrimento, quer incida sobre o amor mútuo, quer seja suportado em *nós,* pode ter nos nossos amores mesclados de egoísmo um papel purificador muito importante, purificação que seja centralização do amor sobre o *tu* e libertação de elementos secundários não autênticos, resultantes do espírito de posse.

E note-se entre parêntesis que quem não conhece este carácter criador da fidelidade, não entendeu ainda a obediência que, mais do que aceitação duma ordem, é adesão à vontade do superior, adesão criadora duma conduta pessoal, inteligente e livre.

Disse atrás que a responsabilidade é mais do que «estar vazio», é possibilidade de consagração. Na mesma linha, a fidelidade é consagração (é a resposta da disponibilidade ao valor). E como tal tende a ser incondicional, a não depender de circunstâncias, nem sequer da mudança do amigo. Por isso, ela não pode deixar de se firmar no Absoluto: o *engagement* acompanha-se de oração: «o Senhor me ajude a não ceder à tentação de te ser infiel sob o pretexto de que o condicionalismo do meu *engagement* se alterou».

A fidelidade incondicional é assim criadora de mim próprio, aproxima-me do *ser,* em atitude de humildade e disponibilidade, e criadora do outro porque se lhe dá como um apelo a manter-se também fiel. No caso de ele se mostrar indigno, de faltar, de trair o juramento, o manter-me consagrado pode ir misteriosamente influenciá-lo: na sua maior pureza, fidelidade implica disponibilidade e dom. Dom que pode ser veículo de graça([17]).

Esperança

A esperança é a luta activa contra a tentação do desespero. É a grande virtude das horas de provação, perante a tentação de abdicar face ao obstáculo, de desistir. Isto é muito nítido numa doença, por exemplo, em que o doente desiste e como que se desfaz: «não há nada a fazer». Ora a esperança é a resposta do ser que se orientou para a salvação, resposta que leva ao triunfo sobre a provação. Na medida em que ao nível desta a luta é fisicamente impossível, o *espero que* salta para uma zona mais elevada, a do *espero,* em que nunca será enganado, porque é a zona da esperança no Absoluto. Como Bichat que definia vida como a força que se opõe à morte, define G. Marcel a esperança como a força que se opõe ao desespero. Mas note-se — e esta é a acusação que fazem às filosofias da esperança — que não se trata de evasão do real e refúgio no «cor de rosa», porque a esperança nunca é recusa ao combate: é antes um combater com outras armas, armas próprias de

([17]) É isto o abrir duma perspectiva, que me parece muito rica, de atitudes de amor como transmissoras de graça, em pleno mistério da Comunhão dos Santos.

desarmados. Marcel distingue-a da vontade dizendo que ela é uma vontade aplicando-se no que não depende dela, e com ponto de aplicação no infinito.

A esperança é a virtude específica dos activos e justifica por si o triunfo dum Marconi, dum Aníbal ou dum Atanásio: por um lado é paciência, isto é, respeito do ritmo próprio do tempo para, através dele, exercer uma influência criadora; por outro lado é persistência.

Na amizade é essencialmente confiança: confiança na possibilidade criadora do outro, na sua maturação, que se opõe a que desespere dele. Confiança que é equilíbrio entre o abandoná-lo pura e simplesmente às suas forças e o querer resolver, eu, o caso dele; confiança que é ajuda a que ele próprio se crie. Neste sentido é corolário da fidelidade, e corresponde ao que nesta é dom.

Mas não se reduza a esperança à zona do *ter* ou a uma disposição interior individualista: ela é de ordem ontológica, em linguagem de Marcel, isto é, é essencialmente intersubjectiva, apoiada no *nós:* não é simplesmente *espero por ele* mas *espero em ti por nós.*

O isolado, o indisponível tende com muita facilidade ao desespero, este é mesmo, em última análise, fruto do isolamento. O *encontro* com outro, em *co-presença* de liberdades, é pelo contrário um acordar e desabrochar da esperança. Quem nunca fez a experiência do sorriso maravilhoso — todo feito de esperança — da criança tímida, ou do adulto-criança tão raro, respondendo a um sorriso nosso de interesse por ela?

E vemos como, essencialmente intersubjectiva, a esperança é inseparável da disponibilidade, é a própria disponibilidade daquele que pode afirmar a perenidade duma comunhão em que se empenhou: porque te encontrei, e te amando te conheço como pessoa, sei que posso ter confiança em ti. E é evidente que está no extremo oposto do ciume.

A intersubjectividade implica três componentes indissolùvelmente unidos; a fé, a esperança e o amor: a afirmação mais clara da esperança é feita das duas outras faces da mesma atitude: *creio no teu amor.*

A experiência impessoal, o *on* francês, não compreende a esperança e pretende refutá-la opondo-lhe todos os fracassos ocorridos em condições semelhantes. Mas ela é irrefutável por definição porque não se move no campo do raciocínio, transcende-o, e continua a proclamar a indestrutibilidade da comunhão, permitindo que o outro responda, criando-se.

Ao saltar do *espero que* para o *espero,* situa-se no campo do Tu absoluto, que é quem me garante a unidade que me liga ao que amo. E por isso toda a traição ao amor de outro é fundamentalmente traição a Deus, é negação da sua presença em mim, que tenho consciência que dependo d'Ele em tudo.

Amor

Muitas das intuições de Gabriel Marcel sobre o amor foram já expressas nas análises fenomenólogas que tenho vindo a fazer, porque o amor está na raiz do *ser.*

Já se viu como Marcel vê o pleno desenvolvimento do homem, da sua personalidade, na comunhão intersubjectiva em que um *eu* e um *tu* são substituídos por um *nós:* neste sentido o amor é eminentemente criador, reciprocidade criadora.

Porque por definição o verdadeiro amor é livre. Impõe-se-me primeiro como espontaneidade, mas só começa a ser autêntico quando eu, aceitando-o, contribuo para o desenvolver. Precisamente a liberdade é que cria o homem, na disponibilidade. E enquanto o amor me cria, cria também o outro, elevando-nos a *ser* verdadeiramente, possìvelmente sem *sermos* antes.

Note-se — e isto é muito importante — que só há amor autêntico entre duas interioridades, como se viu, e isto implica que nenhum dos que amam abdique da sua personalidade ou force a do outro. O amor tem duas dimensões: uma que é dar-se, *expor-se,* outra que é recuo, aceitação, respeito do outro. Como lindamente diz Häring, «duas pessoas não se encontram senão numa atitude simultâneamente de inclinação amante e de recuo deferente»([18]).

Neste dar-se respeitoso a outro, a personalidade como que transborda e ao mesmo tempo cresce, ao receber do outro a confirmação da sua interioridade, da sua profundidade ontológica. Porque só na medida em que comungo com outro eu me conheço verdadeiramente como pessoa, pois que o exame introspectivo de isolado só me revela qualidades, decompõe-me, trata-me como objecto de ciência, nunca apanhando a síntese misteriosa de todos esses elementos que é a personalidade.

E o mesmo acontece em relação ao outro; eu só o conheço na medida em que o amo, em que *sou com ele.* Todo o juízo feito sobre um terceiro é classificá-lo, catalogá-lo, negar-lhe o mistério que toda a liberdade por definição é. Por isso eu nunca julgo aquele que amo, porque automàticamente deixaria de o amar. Marcel reconhece assim no *Não julgarás* da moral cristã uma das fórmulas metafísicas mais importantes.

O amor não visa qualidades, dirige-se à tua pessoa, ao teu *eu,* ao que em ti é eterno. Por isso, ele se mantém ainda que tu mudes. Só se me traíres e me passares a tratar como *ele,* o amor acaba como intersubjectividade, porque depende de mim e de ti, e tu destrói-lo; mas eu não te renego, como Deus não renega o pecador, nem o pai o filho pródigo.

Por isto mesmo o amor não tem razões, ou, como diz o ditado, «tem *razões* que a razão não conhece»: era o que dizia Montaigne falando dum amigo falecido havia pouco: «se me obrigam a dizer porque é que o amava, sinto que não posso responder senão isto: porque era ele, porque era eu». E está tudo dito.

Nesta ordem de ideias, os amigos são insubstituíveis. Posso arranjar outro porque perdi este — mas será sempre outro e este continuará a faltar-me([19]).

Como já fiz notar a propósito dos aspectos de fidelidade e de esperança incluídos no amor, este só não será ilusão ou mentira, isto é, só será incondicional na medida em que estiver fundamentado no Absoluto. Isto significa que só uma amizade que é acompanhada duma fé religiosa, pode ter carácter de eternidade([20]).

([18]) Ver todo o parágrafo «Personnalité», op. cit., p. 113-115, que resume em frases de profundo significado algumas das ideias-mestras deste trabalho.

([19]) Na linha que se tem vindo a seguir é extremamente sugestiva a imagem pela qual a Sagrada Escritura conta a amizade de Jónatas e David: «quando David acabou de falar a Saúl, a alma de Jónatas uniu-se à alma de David e Jónatas começou a amá-lo como a si mesmo» (1 Sam. 18-1).

([20]) Toda a parte referente a Gabriel Marcel baseia-se em Roger Troisfontaines, S. J., *De l'existence à l'être — La Philosophie de Gabriel Mar-*

IV — AMIZADE E ENCARNAÇÃO

Tudo o que tenho dito tem mostrado que o amor é essencialmente espiritual, pessoal, livre. Mas o homem é espírito encarnado, isto é, é um todo composto de espírito e corpo, sendo este meio de acção daquele: só através do corpo o homem age sobre o universo e só essa acção co-criadora permite a sua realização espiritual([21]).

Não só meio de acção, mas também de expressão, o corpo é o sinal da presença da alma, presença ao próprio universo e a si mesma e aos outros. E aqui se revela a sua importância particular neste estudo, pois que ele é o único meio de comunicação com os outros: ele é o veículo do amor. A linguagem e o gesto adquirem aqui todo o seu significado, revelado em todas as formas artísticas, desde a literatura à dança: é na arte que o homem atinge a forma mais elevada de comunicação e o seu problema maior é tornar essa comunicação cada vez mais profunda.

Porque a comunicação feita através da matéria não pode nunca deixar de ser limitada e incapaz de reflectir toda a profundidade dum espírito com desejos de infinito. E este é o drama do amor humano, que não pode deixar de trazer consigo uma desilusão quando é procurado como um absoluto: no mais fundo de si mesmo, o homem encontra-se irremediàvelmente só (Fernando Pessoa é um exemplo sugestivo deste drama tão actual). Duas almas não se podem nunca «encontrar» completamente — e a primeira e mais forte razão é que nem a si própria uma alma encarnada se pode instuir directamente — e quando nos queremos comunicar, é preciso que o outro adivinhe o resto que não podemos explicar([22]).

Mas o corpo é mais do que simples expressão da alma, é componente essencial do ser uno que nós somos, e como tal também tem as suas potencialidades, as suas tendências apetitivas.

Ora um amor só de vontade, numa intenção de pura caridade, tem o seu mérito mas está muito longe de constituir a perfeição moral. Como diz S. Tomás, «pertence à perfeição moral que o homem tenda ao bem não sòmente com a vontade espiritual, mas também com os recursos do seu apetite sensível»([23]).

Para haver um amor plenamente humano, é necessário que seja o homem

---

cel, ed. Faculté de Lettres de Namur, especialmente os capítulos VII da 2.ª parte e I, II e VI da 3.ª

e Pietro Prini, *Gabriel Marcel et la Méthodologie de l'invérifiable,* ed. Desclée, 1953, em especial no capítulo «L'ontologie de l'invocation».

([21]) Sobre o corpo humano ver os três belos capítulos de Jean Mouroux, ob. cit., respectivamente «Grandeur, Misère et Rédemption du Corps».

([22]) Malebranche explicava, na linha da sua concepção ontológica do conhecimento, que nós não intuíamos em Deus a nossa alma para que não ficássemos absorvidos na sua contemplação, esquecendo a glória de Deus e a nossa actividade no mundo; postos de lado os erros implicados nessa concepção, não poderemos negar a beleza da explicação estendida ao conhecimento das almas dos outros.

([23]) I-II, q. 25, a. 3.

todo que ama. Os apetites sensíveis são, pela constituição da nossa natureza, o apoio indispensável para uma actividade duradoira e perfeita. É este o aspecto em que S. Tomás os encara principalmente, e só depois vê neles o perigo originado pela sua rebeldia, a qual aliás não é sòmente resultado do pecado original, mas também devida às próprias leis da matéria «pois era necessário — explica o grande doutor — uma vez que o homem tinha uma sensibilidade, que ele sentisse o deleitável, e que se seguisse a concupiscência do deleitável a qual, a maior parte das vezes, repugna à razão»([24]).

Haverá por isso um trabalho lento e perseverante — e muito doloroso([25]) — que tenda a conseguir a unidade do ser, com a hegemonia do espírito orientando os apetites sensíveis, para que assim a vontade tenha «força» para actuar (na intuição de Max Scheler)([26]).

Aliás, observa o P.e Voillaume que, estabelecendo-se a primeira comunicação entre duas pessoas no campo sensível (que é o primeiro na ordem ontológica, mas também é o mais «fácil»), «é extremamente raro que uma amizade nos seus princípios não ponha em jogo a sensibilidade. É o risco das amizades nascentes». Mas esse risco é ncessário aceitá-lo e vencê-lo por uma purificação. E continua, dirigindo-se aos seus Irmãozinhos: «normalmente as vossas amizades conterão sempre uma parte de atracção sensível que será necessário vigiar e dominar, se não quereis que degenerem»([27]).

Claro que cada caso terá a sua orientação própria a seguir que dependerá de muitas circunstâncias e fundamentalmente da psicologia e ambiente dos sujeitos, mas o que não é solução é a supressão radical de qualquer desses sentimentos, a qual além de anti-humana, acarreta consigo o fechar-se da personalidade psíquica sobre ela própria, impedindo a disponibilidade natural e fácil. E as consequências deste retraimento são apontadas pelo psicólogo Joseph Nuttin, já atrás citado: «a personalidade que numa intenção moral perfeita se dá a outro mas que psìquicamente não consegue desligar-se de si mesma, não possui, como dizíamos atrás([28]), a base psicológica sobre a qual uma personalidade moral sã se pode estabelecer. Esta atitude não permite também ao homem chegar a um desenvolvimento harmonioso da sua personalidade. Neste caso, frequentemente a personalidade moral é uma construção sobreposta que, como um estuque, esconde com dificuldade as deformações do edifício que cobre. É assim que muitas vezes, em determinadas pessoas, as qualidades morais ou virtudes têm este qualquer coisa de «forçado» que denuncia a ausência duma base psíquica sã»([29]).

FERNANDO BELLO

([24]) De anima, 8, 7 m.

([25]) «Não pode haver um grande amor humano sem que tenha recebido a purificação do sofrimento» R. Voillaume, *Au coeur des masses — La vie religieuse des Petits Frères du Père de Foucauld,* 7.ª ed., Cerf, 1957, p. 387.

([26]) Ver Häring, ob. cit., p. 101.

([27]) Ob. cit., p. 407. Sobre a espiritualidade do amor num consagrado, ver todo o capítulo «L'amour de chasteté».

([28]) Ver citação feita atrás, pág. 5.

([29]) Nuttin, ob. cit., p. 312.

Reflexões sobre adaptação pastoral

Um problema essencialmente prático como o que ora nos propomos fundamentar — a adaptação pastoral — seria, para espíritos inquietos de anos atrás, questão de treino, de descoberta de processos, ou de audácia nas realizações, questão que só aos práticos competia abordar. Felizmente, tal modo de pensar, limitado e superficial, cede o lugar a uma visão mais inteligente e profunda. As vantagens que resultam, para o nosso problema, de uma consideração atenta dos princípios, podem justificar o presente artigo.

* * *

Comecemos por lembrar que a adaptação pastoral não é questão recente; tão velha como a própria Igreja, resolveu-a S. Paulo em Atenas e o P.e Ricci na China. Assim introduzido, o problema surge, nos nossos dias, como fase de uma constante tradicional na Igreja; e por conseguinte, a própria tradição nos ajudará a resolvê-lo.

Factores múltiplos da presente evolução social trouxeram-lhe dimensões novas. Mas a grandes problemas responderam e respondem grandes iniciativas. Os impulsionadores, num desejo de modificar o esforço comum, procuram, na experiência dos que caminham, exemplos a indicar e orientações a seguir. A experiência, porém, supõe êxitos e fracassos: os bons resultados apareceram; mas surgiu também o desvio e o escândalo, o nivelamento, o emprego generalizado de processos vazios. Daí o cepticismo e reacção de alguns, daí o receio de muitos.

Tais cepticismos, porém, não devem quebrar esforços: da luta entre aqueles e a necessidade urgente das situações, do confronto entre bons e maus resultados, da discussão entre um pseudo-tradicionalismo e as lições da verdadeira tradição, nascem interrogações deste teor: Até que ponto será hoje necessário ao pastor de almas empreender novos modos de actividade apostólica, para além do cuidadoso cumprimento do múnus tradicional? Em que consistirá, nos nossos dias, o cumprimento *cuidadoso* desse múnus? Poderá dizer-se que o problema da adptação se levanta hoje com características fundamentalmente distintas das dos séculos passados? Não estarão acaso fugindo à linha tradicional algumas iniciativas recentes, e não deveríamos esperar primeiramente orientações superiores?

Perguntas desconexas e confusas. Elas revelam, no entanto, como o problema é complexo. Julgámos por isso conveniente uma explicação breve que o equacione e marque limites ao presente artigo. Ei-la:

Tendo Deus determinado salvar o homem, quis Ele revestir a salvação de um contexto humano: enviou, pelos séculos fora, a Sua mensagem, traduzindo os mistérios da Sabedoria Infinita para a ideologia limitada do homem; este pôde

apreendê-los, porque em Moisés, Oseias ou Jeremias, Deus pensou como homem. Por fim, a própria Verdade, a Vida, a própria Salvação fez-se carne: ADAPTAÇÃO DA MENSAGEM(1).

Essa Mensagem não a infudiu Deus na inteligência de cada um; enviou-a por meios humanos: Moisés escreveu, David cantou... E Jesus fez-se amigo que convida, Senhor que atrai, Mestre que fala em discursos e parábolas: ADAPTAÇÃO DOS MEIOS.

Mas nunca teríamos meios adaptados, se não houvesse alguém capaz de no-los dar, Deus ou o homem. Nem era bastante que esses meios tivessem sido inteligentemente descobertos; era necessário saber pô-los ao alcance, à vista, ao coração daqueles a quem se destinavam: Isaías foi político entre políticos, Ezequiel exilado entre exilados; o Verbo fez-se judeu: ADAPTAÇÃO DA PESSOA.

Convém notar que por este esquema não se indicam várias adaptações, mas passos para a plena adaptação. E se por esta devemos entender a que num momento preciso se requer para levar a *este homem* a mensagem que «hic et nunc» ele espera e Deus tem para lhe dar, podemos dizer que uma tal adaptação supõe sempre apreensão do drama e descoberta de recursos e amor do irmão; ou seja, adaptação da mensagem, dos meios, do mensageiro. O teórico, o sociólogo, poderá ser arguto em diagnosticar os males e escolher os remédios, sem no entanto apontar métodos; ou poderá ser genial no encontro deles, permanecendo incapaz de os utilizar num contacto vivo. O pastor de almas, porém, jamais poderá dar ao rebanho uma mensagem adaptada se não for capaz de descobrir e amadurecer, ou simplesmente empregar, os meios aptos para que ele a receba; como nunca poderá realizar com proficiência uma e outra coisa se *ele mesmo* não se adaptar. Por outros termos, para que acerte no emprego dos métodos (se houverem de ser novos), e para que não sejam vazios ou de conteúdo inacessível esses métodos que emprega (ainda mesmo os mais tradicionais), torna-se necessário que o padre, no seu viver, pensar e sentir, se adapte, sacrificada e inteligentemente, ao sentir, pensar e viver do povo.

É esta adaptação do indivíduo que pretendemos esclarecer, e a ela nos limitamos.

* * *

Dizêmo-la sacrificada e inteligente. Isto porque os vários obstáculos a transpor só pelo muito zelo e perseverança, pela muita prudência, podem ser vencidos. Não se torna necessário explanar aqui o elenco dos factores variados que, nos nossos dias, distanciam o padre da multidão dos homens. Enunciemo-los resumidamente.

---

(1) Entenda-se: a Verdade é imutável e una. Mas, dados os condicionamentos da criatura humana, ela tem de ser decomposta em prisma e formulada, de modo a poder ser apreendida pela inteligência do homem. Há ainda toda a conveniência em dá-la como resposta ao problema que pede solução.

Sofrem de terrível miopia as visões de muitos que reduzem o problema a simples questão de indumentária, «fisionomia» ou escrúpulos, tudo problemas fáceis que um à-vontade no agir e a frequência do povo podem resolver. A tais visões, aceitando embora uma boa parte de razão, queremos sòmente lembrar que *adaptação não é nivelamento*. Mas outros são os factores que de modo especial contribuem para que o padre de hoje se encontre num mundo peculiar e por vezes um tanto irredutível. Temos para nós que primeiramente deve apontar-se um conjunto de *factores de ordem psicológica:* assim, pelo seu celibato, pelos ritos e funções que realiza, pela predominante actuação com o mundo feminino, o padre aparece a muitos como homem único e estranho, talvez um ritualista ou um funcionário. Para outros, que a vida deixou rudes e incultos ou sem meios de subsistência desafogada, o padre, com sua cultura e educação, aliadas por vezes a um subido nível económico ou a modos exageradamente polidos, será um membro de classe social diferente e distante. A sua mudez habitual nos lugares de reunião, por ex. nos comboios, contraposta, nos meios populares, a um à-vontade de contactos, é também interpretada como nota de superioridade.

Estas diferenças, que dizíamos de ordem psicológica, se não viciam directamente a acção pastoral, prejudicam-na indirectamente, mantendo no espírito dos que andam longe as barreiras do preconceito.

Passemos agora aos defeitos de uma adaptação da *ordem do agir*. Dado que nos limitámos ao estudo da «adaptação do sujeito», deixemos que outros sublinhem a inoportunidade de processos e empreendimentos, para vermos globalmente a que correspondem, no indivíduo, tais inoportunidades. Afirmamos, em esquema, que elas se originam numa falta de *apreensão* e *compreensão* dos problemas.

É lugar comum: o padre deve colher com a maior precisão todas as coordenadas e pormenores do trabalho que o ocupa. Simples questão de esperteza? E porque não dizer primeiramente questão de «humildade intelectual»? Na verdade, diante do nosso problema, a atitude de muitos é a classificação simplista no ficheiro da experiência própria; o homem «experimentado» não admite problemas difíceis ou, pelo menos, novos; não verifica particularidades... Não possui o problema; eis porque é um desadaptado, como desadaptada poderá ser a resposta-tipo do seu ficheiro, da sua revista, dos seus apontamentos. Ainda dentro deste mesmo capítulo — o da apreensão — é irmã desta uma outra falha, de carácter mais geral: a toda uma trama de questões actuais, opomos, com muita frequência, uma problemática atrasada que se forjou, por vezes exclusivamente, na histórica heresia ou na objecção sistemática.

Para acabar, alinhemos algumas observações sobre a desadaptação na fase da compreensão do problema, ou, mais rigorosamente, da compreensão das pessoas. Situa-se aqui o mais importante de todos os factores, e este é o embate da estrutura intelectual do padre, afeita ao símbolo e ao conceito abstracto, com a percepção vivencial dos problemas por parte daqueles a quem se dirige(1). Este embate torna-se mais evidente e surge com irredutibilidade maior, a quando de um encontro

---

(1) Ver LIGIER Simon, *Essai de Psychologie Pastorale*, Les Édit. Ouvrières (Paris, 1951), pg. 324 ss.

com o não crente ou não «do meio»; com a dificuldade de adaptação ao seu raciocínio, logo se faz notar uma certa tendência a não aceitar pontos de vista diferentes. Poderíamos juntar ainda a inclinação para reduzir à experiência própria, a experiência e os problemas dos outros; talvez devido a isso, pretendemos frequentemente dar aos leigos uma espiritualidade nos moldes da nossa.

Eis um pequeno elenco dos mais importantes factores de desadaptação. Note-se desde já que mais do que de defeitos a banir se trata de factores a superar: se assim não fora, não teríamos apontado entre eles o celibato ou a formação teórica(1). Donde se conclui mais uma vez que a linha de uma verdadeira adaptação não está numa atitude negativa — encobrir ou esquecer o que nos distingue — mas num esforço positivo — por contactos repetidos e inteligentes — em ordem a sermos capazes de, como padres e sempre como tais, estabelecer um diálogo ao nível do interlocutor.

NECESSIDADE E URGÊNCIA

Se todos a reconhecem e a todos preocupa, inútil se torna sublinhar a necessidade da adaptação. Apenas algumas linhas para advertir que ela não difere da necessidade que todo o homem tem de receber a Boa Nova. Em conhecida passagem da Epístola aos Romanos(2), S. Paulo estabelece o seguinte nexo: «Quomodo credent... nisi mittantur?». E se é necessário que acreditem, é, pelo mesmo título, necessário que encontrem o enviado. Daí se conclui ser nossa obrigação o fazermo-nos encontrados; porque não teria o espírito evangélico o enviado que, tendo percorrido meio caminho, se sentasse, esperando que os homens por seu turno fizessem o restante. O mesmo S. Paulo pôde dizer: «Fiz-me tudo para todos, afim de a todos salvar»(3). Ao que pensar ser bastante decisão e arrojo, responderemos que antes de mais é preciso amor, amor de Cristo e amor dos homens. A alma de todo o apostolado é o amor. Ele está acima da falta ou existência de métodos. Dele depende a eficácia dos métodos. Mas poder utilizá-los e não o fazer, é falta de amor.

Esta necessidade aparece-nos hoje como urgência imperiosa: o mundo procura caminhos, e antes que continentes inteiros, nações, classes ou sociedades se desviem e percam, urge que lhe mostremos o Caminho(4), correndo os riscos e tentando as experiências que isso exigir, sob a orientação e a palavra da Igreja.

E se algo realizamos neste sentido, mais não fazemos que corresponder a uma verdadeira responsabilidade: a Igreja, capaz de acudir a todos os dramas profun-

---

(1) Aclaremos com o exemplo: o isolamento persistente de um pároco poderá ser interpretado pelo não crente como a tristeza do celibatário; se porém o pároco for aberto, se irradiar alegria e dedicação, terá suprido no descrente a impressão estranha do seu celibato; e de tal modo, que este mesmo celibato se transformará então no maior factor de aproximação e confiança.

(2) Rom. *10*, 14-15. O texto completo: «*Como hão-de ter fé* em quem nem sequer ouviram falar? E como ouvirão falar se não têm pregadores? E como há-de haver pregadores *se não forem enviados?*».

(3) I Cor. *9*, 22.

(4) Jo. *14*, 6.

dos do homem, espera de nós que saibamos levar a cada um a sua resposta. Ao ordenar-nos, não pretende autómatos mas constitui colaboradores: supõe e espera a iniciativa de cada um, iniciativa que ela acolhe e orienta ou rejeita.

Sintetizando bem esta necessidade, esta urgência, esta responsabilidade, diz S. Em.a o Cardeal Suhard: «Pensar, prever, amar na medida do mundo; mas também aceitar, em humilde submissão ao real, as aderências do passado e as inevitáveis imperfeições. Tal é o labor que se oferece às presentes e às próximas gerações sacerdotais. Da sua lucidez, da sua prudência e das suas dimensões depende, em larga parte, a presença da Igreja no mundo de amanhã»(1).

FUNDAMENTO E LINHAS DE ORIENTAÇÃO

O fundamento de toda a adaptação é a Encarnação. Poder-se-ia perguntar se, por um simples motivo de filantropia e sobretudo de caridade, o cristão não estaria já obrigado a adaptar-se. Expliquemos: se alguém receber a Mensagem e verificar, pelo seu contúdo e finalidade, que ela se destina aos demais homens, chamados como ele à adaptação divina, não estará por isso mesmo e por uma exigência fraterna, obrigado a superar todas as distâncias para partilhar com os outros a dádiva que recebeu?

Vem-nos à pena o sim. Pouca importância lhe damos, porque, se formulámos tal hipótese, foi com o intuito de condenar um erro: precisamente o dos que põem a adaptação numa linha horizontal e portanto de propaganda, de filantropia, ou mesmo de caridade, embora a caridade a exija... Era difundir «em nosso nome» e ao modo humano, aquilo que Deus abandonara em nossas mãos. Ora o padre e o leigo sempre que apregoam a Boa-Nova é «em nome de Cristo» que o fazem. Significa isto que Cristo (e Cristo é a Igreja) é o único mensageiro, que é Ele quem leva, em nós e por nós, a mensagem ao homem a quem nos adaptamos (melhor dito, a quem Ele se adapta em nós), que a comunicação da mensagem não é acção ùnicamente horizontal e nem só, nem principalmente ao modo humano: supõe a graça. Daqui uma conclusão: a adaptação é a encarnação prolongada do Cristo Místico. Daqui um princípio:

1. *Quando um padre se adapta, quando se faz operário ou enverga a roupagem de hindu, é um nome da Igreja que o faz*(2).

* * *

Posto o fundamento — a Encarnação — vejamos à sua luz que mais significa a adaptação. No mistério de Deus encarnado, três notas parecem de maior importância para o tema que ora nos ocupa; são elas o amor que origina e informa toda a acção, o modo concreto como esta se realiza, o intuito que Deus tem de se fazer encontrado.

---

(1) Card. SUAHRD, *Deus, Igreja e Sacerdócio,* tradução de Eurico Aguiar, Edit. Aster (Lisboa, 1956) pg. 265.

(2) Sobre as relações da adaptação com a Encarnação, ver CONINCK, *Problèmes de l'Adaptation en Apostolat* (Paris, 1949) pg. 4.

Primeiramente, o amor: Quando Cristo veio à terra não foi em busca de glória, mas porque «Deus amou de tal maneira o mundo que deu o seu Filho único»(1). Este amor gratuito revela-se-nos amor de Pai, emprestando à expressão quanto, humanamente, ela tem de bom; ora um pai ama seu filho com tudo o que este possui e nas condições em que vive. Deus não ama apenas o espírito imortal, a alma; ama o ser que criou e pôs no mundo, o homem todo, com sua beleza e seu trabalho, suas relações familiares e instituições sociais, e foi a esse homem concreto que entregou o Filho.

O padre há-de ser a encarnação desse amor. Mas como se relaciona este com a adaptação?

Precisamente enquanto é requerido para aquilo que pode chamar-se «adaptação de vida». O padre tem de acomodar-se à vida do povo: na sua moradia, nos seus horários, nas suas conversas. Impõe isto uma dupla atitude de abertura e irradiação.

Quando dizemos abertura queremos significar interesse pelos valores locais e pelos problemas sociais, queremos significar *amor;* mas amor encarnado (não diga aos fieis que «apenas lhe interessam suas almas»), amor que não seja preocupação de arranjar adeptos, mas, inicialmente apoiado num esforço de vontade, seja, com o tempo e o sacrifício, cada vez mais verdadeiro... Recordamos a este propósito os habitantes daquelas aldeias em que aos velhos párocos se chama o «*nosso* padre»; este é, com efeito, quem mais os ama, como indivíduos e como colectividade humana.

Esta abertura aos homens há-de ela manifestar-se numa irradiação de simpatia pelas pessoas e seus interesses, simpatia esta que levará o nosso operário a descobrir que ao padre, à Religião, a Deus, não são coisas estranhas a fábrica que lhe dá o pão ou a orientação do seu clube desportivo. A este propósito, S. S. o Papa Pio XII deixou-nos magnífico exemplo.

Como manifestar esta simpatia? É o momento de voltarmos à Encarnação, para observarmos o modo como o Verbo Encarnado se manifestou aos homens. E teria aqui lugar um estudo atento sobre a humanidade do Senhor, nos Evangelhos. Basta-nos considerar que Cristo não se revestiu de «roupagens humanas» (algo de extrínseco, acidental) para encontrar almas, antes se fez homem para encontrar homens. Não podemos evidentemente esquecer que Ele não veio para o temporal, que a Sua e nossa missão é trazer o «unicum necessarium»(2) — «para terem a vida e a terem abundantemente»(3), mas também teremos presente que, no cumprimento dessa missão, Se fez pobre e carpinteiro, peregrino a Jerusalém, convidado para banquetes e frequentador das sinagogas.

E tudo isto para Se fazer encontrado dos homens.

Na verdade, somos nós que temos de procurar as ovelhas perdidas. Esta procura tem de contar com a liberdade, tem de contar com o reino das trevas. Requer, por isso, muita perseverança. Não se afigure ao padre que, uma vez adaptado, toda

---

(1) Jo. *3*, 16.
(2) Lc. *10*, 42.
(3) Jo. *10*, 10.

a má vontade e antipatia cairão por terra; considere que se Cristo desejou fazer-se encontrado, morte de cruz foi o acolhimento que recebeu; lembre-se de que uns são os que semeiam para outros colherem. Não deve também olhar a adaptação como medida diplomática transitória; ainda quando todos os habitantes de uma paróquia pobre praticassem e fossem inteiramente abertos aos seu pároco, este deveria continuar pobre com os pobres: presença da Igreja junto de todos os homens(1).

Finalmente, esta adaptação pelo abraçar um estilo de vida humilde entre operários, camponeses e pescadores, ou mais elevado entre os ricos e abastados, carrega-se de um sentido redentor. O padre, mais do que o simples fiel, santifica e redime tudo o que faz parte do seu viver; e se toda a redenção exige dor e despojamento, eis que o padre, ao adaptar-se, terá de se fazer de todos sem pertencer a ninguém, terá de viver em qualquer circunstância sem se apegar a nada, nem ao luxo, nem ao conforto, nem aos cafés, nem à residência citadina, nem à simplicidade provinciana, nem às reivindicações operárias.

Sintetizando quanto fica dito a propósito de adaptação de vida, podemos afirmar:

2. *A inserção do padre na vida do seu rebanho pelos factores materiais e económicos e por um amor verdadeiro, traduzido na abertura aos interesses e na irradiação de simpatia, é hoje indispensável para afirmar, na linha da Encarnação, a presença interessada e redentora da Igreja junto de todas as classes sociais.*

* * *

Diz o teólogo Moehler: «Se o Filho do Altíssimo tivesse descido ao coração do homem sem tomar uma forma corporal poderia conceber-se que tivesse formado uma Igreja invisível, puramente interior. Mas «tendo-se o Verbo feito carne» (Jo. I, 14)... para recuperar o homem para o Reino dos Céus, quis sofrer e agir como homem... Considerada desta maneira, a Igreja é Jesus Cristo a renovar-se incessantemente, reaparecendo contìnuamente sob a forma humana: é a encarnação permanente do Filho de Deus»(2).

Aceite este princípio, tudo quanto se disse da adaptação de Jesus se pode também afirmar da adaptação da Igreja, realizada pelos seus membros. Todavia entra aqui uma coordenada nova: a visão limitada de cada um desses membros, limitação que de facto se não verifica em Cristo. Será isto um obstáculo? De modo algum, porque a acção do Senhor Jesus através da Igreja não se faz «apesar das condições limitadas» dos pastores, mas, para falar de modo mais preciso, «mediante essas condições limitadas»: a reflexão, a experiência, o esforço, a tentativa...

Se há pouco nos encontrávamos numa ordem psicológica — a adaptação de vida —, eis-nos agora na linha de própria actuação pastoral. Ao enunciarmos an-

---

(1) Referindo-se aos religiosos, diz o P.e Voillaume que a sua existênncia entre os pobres e os pequenos é coisa indispensável para mostrar aos homens o verdadeiro rosto da Igreja. Em *Au Coeur des Masses.*

(2) Cit. em *Deus, Igreja e Sacerdócio,* pág. 19.

teriormente os erros que aqui se cometiam, apontámos, de modo implícito, as grandes linhas de orientação: recta apreensão de cada problema, esforço de compreensão do indivíduo.

Quantas vezes não sucede estarmos remediando males que não existem ou não constituem o fulcro da questão. Donde virá a nossa «falta de jeito» para conversas de real interesse com operários, e, de um modo geral, com adultos? Acaso não será devido a uma falta de sintonização com os seus problemas e o modo como os sentem? Ainda mesmo para os fiéis, que distância não vai do que se ouve e se vive na rua à resposta que se dá na igreja!

Esta falta de sintonização será em grande parte corrigida pela *frequência de contactos propositados*. Era este um capítulo que merecia longa explanação; limito-me a trazer o exemplo do Santo Cura de Ars que de casa em casa entabulava conversa com os pobres camponeses sobre o estado da agricultura, ou ainda o de um outro sacerdote, que durante alguns anos correu, passando nelas os serões, as casas dos seus paroquianos. É isto no meio rural? Mas porque não passar uma ou outra vez pelo café da vila, pelo clube, pelas pequenas oficinas ou outros lugares de contacto? Diz o P.e Voillaume: «Estamos habituados a pensar que o estado sacerdotal ou religioso implica um certo «standard» de vida, e por vezes faz-se disso uma questão de dignidade»(1). Lembre-se o Evangelho: «cum peccatoribus manducat». Se os nossos contactos fossem mais frequentes, talvez, para falar da vida de família não precisássemos de fixar a ideia no calmo lar paterno; não usaríamos com certeza exemplos gastos e estranhos, mas vivos e actuais; não responderíamos certamente à objecção do livro mas à da rua; saberíamos qual o problema, ou o «slogan» ou o acontecimento que precisava da resposta cristã. E, sobretudo, saberíamos melhor como dá-la, porque mais habituados à mentalidade e à linguagem(2) de quem nos ouvisse.

É evidente que à maior parte dos nossos padres, o pouco tempo de que dispõem não permite a multiplicação destes contactos. Nesta hipótese, teremos de aproveitar inteligentemente todos os que o múnus pastoral nos oferece: se uma formação psicológica seria em tais circunstâncias muito vantajosa, um interesse atento será suficiente para nos levar a conclusões significativas(3).

Resumindo quanto fica dito, podemos pois afirmar que:

3. *Para o melhor cumprimento do múnus pastoral, nomeadamente no respeitante à pregação, é indispensável ao padre a exacta apreensão dos problemas e a fácil compreensão das pessoas em ordem a uma pregação adaptada no conteúdo, no esquema e na linguagem; para o que lhe são grandemente vantajosos os contactos não meramente funcionais.*

É claro que este esforço é, antes de mais, individual. Mas dado que em tudo isto se implicam factores sociais muito generalizados, grande ajuda podem pres-

---

(1) Op. cit., pág. 34 da 7.ª ed.

(2) Ver Código de Direito Canónico, can. 1332. Refere-se expressamente aos adultos.

(3) Sobre este ponto ver o livro de R. GUERRE e M. ZINTY, *Des Prêtres pour la Jeunesse Ouvrière*, Les Édit. Ouvrières, (Paris, 1956).

tar a esse esforço os estudos da sociologia e da psicologia. Por isso, diremos também que:

4. *Apresentando-se esta adaptação como verdadeira arte, são muito de aprovar a preparação e orientações colectivas que facilitem e unifiquem o esforço individual.*

* * *

Se não houvéramos de pôr termo, seria de grande interesse o estudo de como a adaptação foi sendo resolvida através da história da Igreja. Por certo, seria fácil de verificar que a questão se pôs de modo diferente até ao aparecimento dos Seminários. No entanto, se nos séculos anteriores o clero nos aparecia mais inserido no povo, não significa isso a ausência total do problema. Verificava-se ele, de modo particular, nas empresas de missionação, como a cristianização do Império, da Europa bárbara, dos novos mundos. Surgem-nos então os mais admiráveis exemplos, tais como as homilias dos Padres, os trabalhos linguísticos dos Ss. Cirilo e Metódio (séc. IX), a actuação dos jesuítas na Etiópia e no Japão, todos eles índices expressivos de profunda inserção na vida do povo. Acaso esperavam esses, para determinados modos de agir, pormenorizadas orientações da hierarquia? Mas não dissemos anteriormente que a Igreja supõe a iniciativa? É esta — a iniciativa particular, sempre sujeita às determinações superiores — lição eloquente da história. Hoje, na verdade, pela maior repercussão das atitudes, impõe-se grande moderação nas tentativas, às quais, por vezes, se fixam limites. Todavia, o princípio, repetido entre nós, ainda não há muitos anos, pelo P.e Lombardi, fica de pé:

5. *Debaixo da orientação da Hierarquia e sempre submissos às suas determinações, cabe-nos a nós tomar iniciativas.*

Resta-nos apoiar os esforços que de há anos para cá se vêm fazendo por uma verdadeira adaptação, especialmente nos sectores mais difíceis: operários, intelectuais descrentes, algumas zonas agrícolas; resta-nos ainda congratularmo-nos com as iniciativas que nesse intuito se vêm realizando nos seminários; e, por fim, terminar com palavras de Pio XI(1): «Toda a reforma verdadeira e durável teve, em última análise, o seu ponto de partida na santidade, em homens abrasados de amor de Deus e do próximo. Generosos... prontos ao mínimo apelo de Deus... cresceram até se tornarem a luz e os renovadores do seu tempo. Pelo contrário, quando o zelo reformador não jorrou da pureza pessoal, mas era apenas a explosão da paixão, perturbou em vez de esclarecer, destruiu em vez de construir».

Sirvam estas palavras de incentivo e orientação para todos os que, na sua vida de apostolado, se preocupam com o problema.

ALBINO CLETO

---

(1) Enc. *Mit. brennender Sorge,* cit. em *Deus, Igreja e Sacerdócio.*

PANORAMA:

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

A Associação Católica Internacional da Radiodifusão e Televisão (conhecida também sob o nome de «UNDA») acaba de publicar interessante documento com directrizes para os educadores que se servem da Radio-televisão. Registamo-lo aqui para conhecimento dos nossos leitores.

A idade do pequeno tele-espectador.

1 — «A criança não pode tirar proveito da televisão sem ter atingido um certo desenvolvimento psicológico e fisiológico».

2 — A idade mínima é difícil de determinar, mas «se certas emissões de rádio podem ser seguidas com proveito desde os 4 anos, a televisão ultrapassa em geral as capacidades receptivas antes dos 5 ou 6 anos».

3 — Em cada caso a idade será determinada tendo mais em conta a idade mental que cronológica. Depende do nível de compreensão para a criança das imagens e factos, e da reacção afectiva perante os mesmos. «É de notar que esta idade mental relativa à «captação» da televisão se distingue do nível escolar; muitas vezes ultrapassa-o».

4 — «Sobretudo no começo, a criança nunca será entregue a si mesma diante da imagem». Pais e educadores devem acompanhá-la nas suas primeiras experiências, o que permitirá vigiar e controlar a adaptação da criança ao espectáculo.

5 — Ulteriormente, com o crescimento, a «criança deve aprender a arte de ser um bom espectador da televisão». Os educadores devem ligar e integrar as achegas culturais da televisão com as outras fontes de conhecimento «no sentido duma cultura pessoal assimilada e unificada».

6 — «Serão proscritas em qualquer idade mas sobretudo na pequena infância, e em certos momentos hipersensíveis da adolescência «todo o espectáculo excitante ou alucinante, chocante ou traumatizante».

7 — Deve ser banida a «ideia de que todas as emissões convêm necessàriamente a todos os membros da família». Às crianças deve fazer-se compreender isto mesmo, até pelo exemplo das pessoas crescidas em renunciar a certas emissões.

Normas para a duração do espectáculo.

1 — «A televisão não deve invadir toda a vida», mas antes encontrar o seu justo lugar nas ocupações quotidianas. «Só uma dosagem judiciosamente equilibrada

e por vezes parcimoniosa evitará que tão bom instrumento de formação se torne nocivo».

2 — É difícil estabelecer a duração média quotidiana, «mas tendo em conta a capacidade de atenção da criança, admite-se como norma que o espectáculo não deve durar mais de meia hora antes dos 9 anos nem nunca ultrapassar 2 horas nas idades seguintes». O emprego desinteligente deste meio de cultura depressa se torna nefasto à criança.

3 — «Em particular uma saturação de imagens é contrária à higiene mental da criança». Corre-se o risco de se perder o sentido do gosto e do real.

4 — É preciso acautelar a saúde física da criança, quando a duração excessiva da emissão obriga a prolongada imobilidade e fadiga dos olhos.

5 — O ambiente familiar da intimidade e recolhimento periga, quando a televisão domina exclusivamente.

Condições de visão.

1 — A criança deve por-se à distância conveniente para uma visão nítida, e em posição confortável.

2 — Que a criança guarde a delicadeza devida aos outros espectadores, e respeito para com o espectáculo «respeito que constitui um elemento de cultura». Mais vale deixar o espectáculo quando não se têm as disposições devidas que receber mal uma bela mensagem.

3 — A hora tardia do espectáculo é contra-indicada para a criança. Espere-se um quarto de hora entre o fim da emissão e o deitar.

Papel dos Pais.

1 — «O uso inteligente dum instrumento de cultura implica um espírito de discernimento, disciplina e sábio equilíbrio.»

2 — Para a criança da escola, «jogo livre e activo é em si melhor que os prazeres da televisão». Que os pais tenham isto em conta.

3 — É preciso escolher de antemão os programas destinados às crianças. Sobretudo nunca discutir diante delas a conveniência ou inconveniência dos programas.

4 — «A televisão nivela forçosamente os valores», por isso é preciso estabelecer a hierarquia dos mesmos, e situá-los na sua ordem, guiando as reflexões da criança.

5 — Quando o espectáculo é contra-indicado, ponde fim à emissão, dizendo o porquê com a maior naturalidade e franqueza.

6 — Se os pais souberem aproveitar tão excelente meio, uma comunhão mais íntima com a criança aprofundará os laços recíprocos que unem a família.

Papel dos Pais em relação aos produtores da Televisão.

1 — «Os produtores da televisão são mais sensíveis às vossas críticas do que pensais».

2 — É preciso informar a direcção de alguma emissão desaprovada, bem como também exprimir-lhe o entusiasmo por outra nìtidamente boa.

3 — «Insisti com os responsáveis que não esqueçam que a televisão é antes de tudo escutada nos lares». Que olhem às consequências deste facto...

4 — Sublinhai o interesse que para as crianças possuem os jogos, concursos, e tudo quanto excite nelas a actìvidade intelectual, imaginativa e motriz, «de preferência à imobilidade numa receptividade passiva».

5 — «Exigi para as crianças horários de emissões que respeitem o ritmo da vida familiar».

Bibliografia

OUTROS MUNDOS, OUTRAS HUMANIDADES

OUTROS MUNDOS, OUTRAS HUMANIDADES — Hugo Rocha — Edição da Livraria Educação Nacional — Porto, 1958.

Editou a Livraria Educação Nacional mais um livro da autoria de Hugo Rocha. O autor é sobejamente conhecido pelo número das suas publicações (quer seja poesia, novela, romance, crónica, ensaio, etc.) e pela sua brilhante carreira de jornalista. Nem mesmo o problema candente dos discos voadores lhe passou despercebido, pois lhe mereceu a elaboração da obra já esgotada e reeditada no Brasil, «*O enigma dos «Discos Voadores» ou a maior interrogação do nosso tempo*».

Surge agora um novo livro «*Outros mundos, outras humanidades*». Tem o valor de nos proporcionar leitura agradável, em que a imaginação e a ciência se conjugam sobre um assunto tão actual como enigmático. Diz o autor: «Poder-se-ia acusar o livro de misturar a fantasia das deduções com a realidade das observações...». Mas logo adverte: «Como este trabalho não se destina a astrónomos nem sequer a estudantes de astronomia... permito-me dar de barato o muito que se tem dito e redito acerca dessa grande família que se presume, sem se ter a certeza não ser a única existente no cosmos». E diz ainda no seu antelóquio: «Por isso, se acolho com todas as reservas as declarações de um George Adamski, um Truman Bethurum, um Cedric Allingham e, sobretudo de um A. Rossi, um Dino Kraspedon, um Ramatis, não deixo de reconhecer que, ainda que mintam ou, pelo menos, ainda que exagerem, as suas mentiras, ou, pelo menos, os seus exageros são muito mais verosímeis do que tudo ou quase tudo quanto certos ficcionistas têm descrito». Embora não desçamos a pormenores, pena é contudo que numa obra que se quis feita com leveza, tantas vezes se aflorem implicações religiosas, correndo-se assim o lamentável risco de as deixar superficialmente tratadas.

ANTÓNIO MACHADO

L'AMOUR MULTIPLIÉ

L'AMOUR MULTIPLIÉ — Joseph Templier — Colecção «Mon Village» — Éditions Ouvrières - Paris, 1958. Um vol. de 189 págs., formato 14x19.

Segundo volume duma pequena série iniciada pelo autor sobre temas que encaram o amor em ordem à felicidade na família, é um precioso auxiliar daqueles novos lares que desejam um contínuo «crescimento humano e espiritual» mediante a própria vida familiar. Nela a educação dos filhos tem uma importância decisiva.

São muitos os que principiam a sua vida familiar nas melhores disposições, mas por vezes, dentro de mais ou menos tempo, desanimam e desorientam-se com as dificuldades de cada dia, passando a viver acabrunhados sob o «fardo que carregaram».

Importa manter um esforço duradoiro no aperfeiçoamento da nossa conduta, para que não nos julguemos chegados a um estado de satisfação que em breve nos levaria à indiferença e desprezo da vida. No caso concreto da felicidade no lar, não são precisos grandes feitos para que se conserve e aumente, apenas se exige uma mentalidade e educação capazes de tirar dos inúmeros aspectos do dia a dia na família, alguma coisa que aproxime mais os esposos dum caminhar seguro dentro do amor cristão.

É especialmente sobre esta ideia que Joseph Templier nos diz algo de novo, partindo da influência que podem ter as crianças.

Todas as atitudes dos filhos podem levar os pais a uma série de reflexões em ordem à sua formação de esposos cristãos, educadores.

Como diz o autor, citando François Goust, numa das frases que toma para lema: «as crianças são nossas educadoras. Constantemente nos põem problemas cada vez mais complexos. Educar uma criança é renascer». Que poderão os pais pensar em frente duma criança que dorme sorridente nos seus braços, duma criança que brinca alegremente, daquela que põe todo o empenho e atenção ao consertar um brinquedo ou construir uma casa de barro, onde nada deve faltar; da criança que repreende sinceramente os outros, sejam grandes sejam pequenos, que julga as atitudes de outrem com uma lógica que nos espanta; ou então da que chora quando menos se esperava ou convinha, pondo-nos em embaraços. Como julgarão ainda as exigências a que os filhos obrigam: uma selecção dos filmes que podem ver, um passeio que se tem de adiar porque o menino adoeceu, um cigarro a menos, pois o fumo incomoda os pequenos, ou até mesmo a sua morte, etc., etc. São casos destes que o autor examina ao longo de cada uma das páginas, descobrindo inúmeras reflexões conducentes a uma verdadeira espiritualidade cristã e felicidade na família.

Não podemos deixar de observar a maneira prática e concreta com que o autor desenvolve cada capítulo, apoiando-se sempre nas experiências de alguém.

A apresentação dos testemunhos de pais que viveram cada uma das atitudes da criança torna a leitura mais viva e agradável. Mais do que ninguém podem aqueles comunicar a sua experiência variada, original e que traz certa surpresa por versar sobre aquilo que se vê todos os dias e a que não reagimos ou se reagimos fazêmo-lo erradamente muitas vezes. Passa a criança deste modo a ser «mestra da vida», pois leva os pais a um contínuo recomeçar e aperfeiçoar que dá à vida um aspecto sempre novo.

Apontamos ainda, especialmente na II Parte, o interesse pedagógico que o livro tem, porque ajuda a estabelecer critérios para a educação do «homem que nasce».

VIRGÍLIO RESENDE

CRÓNICA

Dia 9 de Novembro: — Pela terceira vez foram convocados os membros da academia, agora para ouvir a interessante palestra subordinada ao tema: «Amizade como valor» proferida pelo Fernando Bello, que fez distribuir na véspera umas perguntas, as quais facilitando o aparecimento de problemas, ajudaram a compreender o assunto.

Neste mesmo dia tivemos o prazer de ouvir o Senhor D. José Pedro que nos falou das festas comemorativas dos vinte e cinco anos da Acção Católica Portuguesa. Disse-nos Sua Excelência Reverendíssima que desejava fossem as comemorações mais vividas que celebradas. Estas festas culminaram com solene pontifical celebrada na igreja de S. Domingos e sessão presidida pelo Senhor Cardeal Patriarca no pavilhão dos desportos. O Seminário esteve presente a ambos os actos.

Dia 13: A nossa polifonia participou no solene «Te Deum» que se cantou na Sé, em acção de graças pelo dom do novo Sumo Pontífice. Pelo facto de o Senhor Patriarca estar em Roma quando da coroação do novo Papa, só neste dia a Igreja Lisbonense juntou a sua voz, aos coros que de todo o orbe católico se erguiam ao céu agradecidos.

Dia 18: Vigésimo nono aniversário das «núpcias» do nosso querido Patriarca com a Igreja de Lisboa. Tal data não podia ser olvidada por nós que somos no dizer de Sua Eminência, as meninas de seus olhos. Houve feriado. De manhã cantámos na Sé, a santa Missa, em acção de graças, e à tarde, em sessão solene, os filósofos apresentaram com mestria, o interessantíssimo drama «Comandante abaixo de Deus». Seguiu-se na capela o canto de solene «Te Deum».

De modo nenhum podia passar-nos despercebida a celebração da semana das Vocações Sacerdotais no nosso patriarcado. Assim, no seu encerramento, dia 22, muitos de nós participámos nas solenidades, realizadas à noite na Igreja de S. Domingos. Também nos não foi estranha a exposição organizada pela «Obra das Vocações» no claustro da nossa veneranda Sé, e que muitos tivemos o prazer de admirar.

Dia 23: Nova reunião da academia de S. António. A equipa de arte, representada pelo Avelino Rodrigues, apresentou um trabalho sobre a restauração de igrejas antigas, problema de grande actualidade. Sobre o mesmo assunto tem a referida equipa organizado umas pequenas exposições.

Já que se fala de equipas vem a propósito referir que, também a equipa de cinema está em grande actividade. Apresentou-nos alguns filmes documentários, que nos permitem fazer uma ideia das enormes possibilidades da arte cinematográfica.

Ainda no dia 23 tivemos entre nós o Sr. Dr. Narciso, assistente nacional da J. O. C. que nos falou dos prementes problemas levantados pela classe trabalhadora que começa a surgir em Portugal.

Dia 29: Retiro. Era o último dia do ano litúrgico. Ia começar o Advento, e como «ano novo, vida nova» nada melhor de que o retiro, para preparar o novo ano em que ia entrar a Santa Igreja.

Dia 3 de Dezembro: Festa de S. Francisco Xavier, padroeiro universal das Missões. O círculo missionário fez vir até nós o Senhor Dr. Magalhães da companhia de Jesus, que nos falou de S. Francisco Xavier «um pioneiro da Missionação». Vem a propósito fazer referência ao círculo missionário que nos tem posto ao correr dos acontecimentos do mundo missionário, e nas principais datas tem chamado a nossa atenção para as terras ainda não ensombradas pela Cruz de Cristo. Foi também celebrado no primeiro domingo do Advento, o dia do emigrante português, ainda que o problema da emigração não seja um problema missionário no sentido estrito da palavra.

Dia 7: São diáconos desde este dia os Revs. António Escudeiro, Manuel Mota e Anthony Rocha; este último de nacionalidade Americana, e que veio a Portugal aprender a nos-

sa língua, para no seu país se dedicar aos emigrantes portugueses. O Senhor Patriarca conferiu ainda ao Albino Cleto, ao Avelino Barata, ao Rodrigo e a alguns irmãos franciscanos, a ordem de Subdiáconos, e ao João Rodrigues as primeiras menores.

Neste mesmo dia dignou-se Sua Eminência ler-nos a última lição que como professor catedrático proferiu na Universidade de Coimbra, no dia 29 de Novembro, passagem do seu septuagésimo aniversário natalício.

Ainda neste dia tivemos no Seminário o Senhor P.e José Serrazina acompanhado de alguns dirigentes de L. A. C. que nos deram uma ideia da maneira de trabalhar da A. C. no meio agrário; falando-nos sobretudo do papel do assistente e do trabalho de casais.

Dia 8: Festa da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.

Neste dia, que foi preparado por uma novena, a nossa polifonia participou no pontifical rito «Joanino» celebrado na Sé.

E agora, acabaram-se as aulas. Vem aí a odisseia dos exames, porta difícil por onde no final de cada época temos de passar.

DIAMANTINO MARQUES

PARTICIPAR NA LITURGIA CANTANDO

É nos SALMOS que a Igreja vai buscar a palavra de louvor, súplica e acção de graças que põe na boca de seus filhos.

Dentro desta orientação apareceu o livro

10 CÂNTICOS SOBRE OS SALMOS

Letra do *Rev. Padre Fernando Melro*

Música do *Rev. Dr. Manuel Luís*

Óptimo instrumento de trabalho para todos os párocos e quantos têm a seu cargo os cânticos da Assembleia Cristã, está editado num formato ideal para «Livro de Coro» ou para Livro de Órgão.

Todos os cânticos foram impressos em fichas boas para colocar nas mãos dos fiéis.

COMPRE O LIVRO E ESCOLHA AS FICHAS QUE LHE INTERESSAM AO LONGO DO ANO.

E DENTRO EM BREVE APARECERÁ

«CÂNTICOS E SALMOS PARA A MISSA»

Música do *Rev. Dr. Manuel Luís*

FAÇA desde já os seus pedidos

AO SECRETARIADO DIOCESANO DE CATEQUESE

Campo dos Mártires da Pátria, 40

LISBOA - I

ORGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O ÓRGÃO APROVADO PELO

VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

Casa fundada em 1832 — A casa mais antiga do País no seu género

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado.

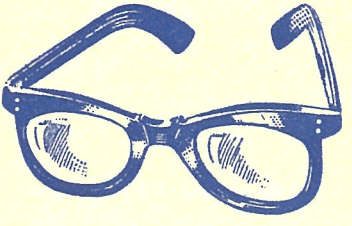
LISBOA 2 **RUA DO OURO, 166-170**

DEFENDA A SUA VISTA

USANDO LENTES E ARMAÇÕES DE 1.ª QUALIDADE

CASA ESPECIALIZADA NA EXECUÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS

ÓCULOS, ESTOJOS, LUPAS, BINÓCULOS, TERMÓMETROS, BARÓMETROS, ETC.



CONCEDEMOS O DESCONTO DE 40 % A TODO O EXMO. CLERO E FAMÍLIA

OPTICAL, LDA.

PORTAS DE STO. ANTÃO, 30 - 2.º - TELEFONE 367762 - LISBOA

(ANTIGA RUA EUGÉNIO DOS SANTOS)

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Exa. Revma. o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Revmo. Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços.
Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

O Café d'A Mariazinha é inconfundível em cor, aroma e paladar.
O nome d'A Mariazinha é segura garantia

Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
— Frente à Igreja —
Lisboa-5

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

•

SERRALHARIAS

•

LISBOA
RUA DE S. TIAGO, 13

CASA

Peyroteo

ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE PARA
TODOS OS DESPORTOS

SOCIDEL — SOC. COM. DE ARTIGOS DE DESPORTO L.DA

LISBOA
RUA NOVA DO ALMADA, 52

Casa de S. José - Porto

(Fundada em 1896)

ARTIGOS RELIGIOSOS PARA REVENDA E PROPAGANDA

- VISITAI ESTA CASA,
- APRECIAI O SEU SORTIDO
- E CONFRONTAI OS SEUS PREÇOS

DESCONTOS ESPECIAIS PARA AS MISSÕES CATÓLICAS

168, RUA DAS FLORES, 170
TELEFONE: 22886